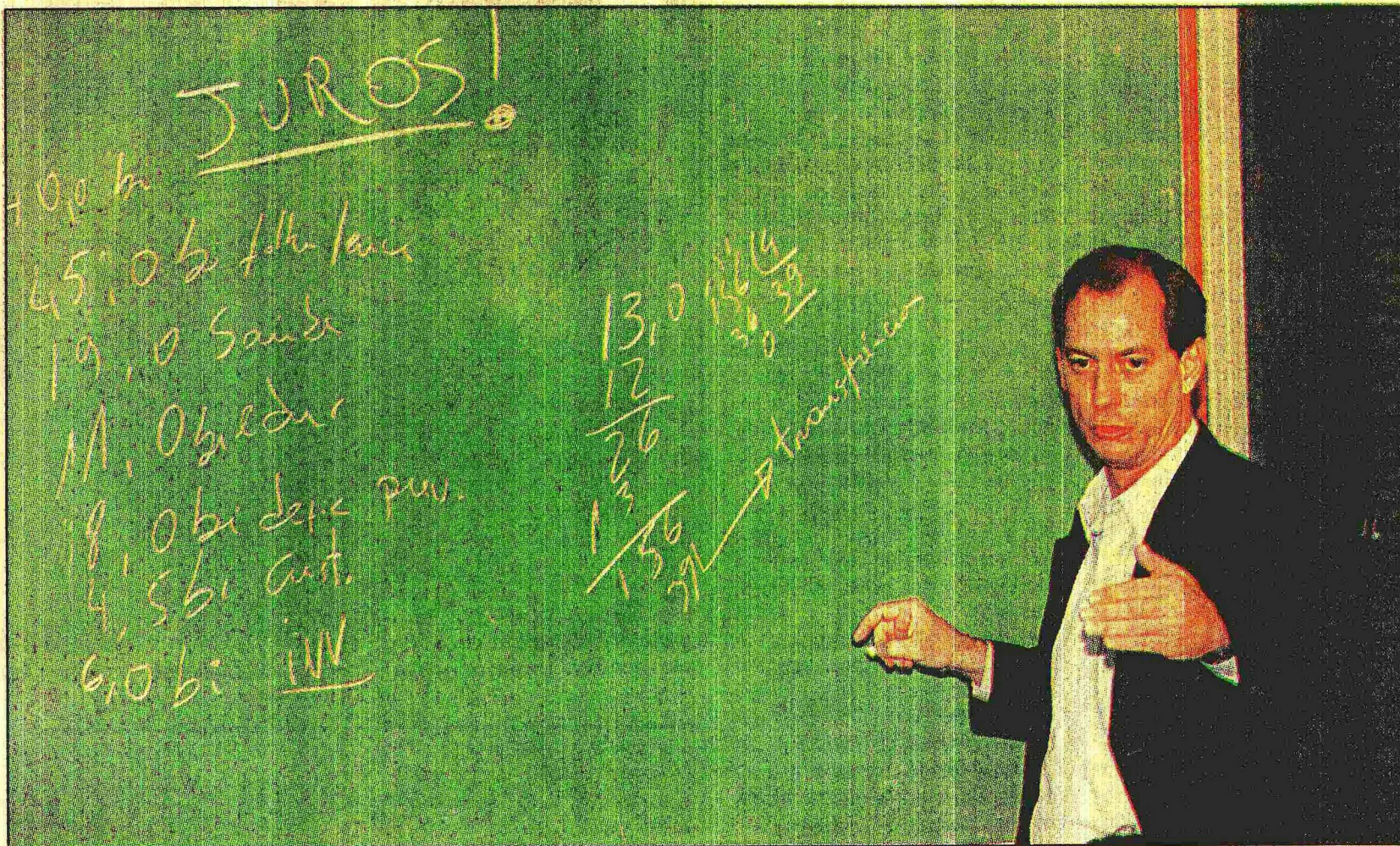




O candidato do PPS à presidência, Ciro Gomes, criticou ontem as negociações entre o FMI e o governo brasileiro: "O FMI é o beijo da morte"

Oposição condena acordo com FMI

A oposição criticou ontem duramente as negociações entre o FMI e o governo brasileiro. "Só vai dar liquidez para o Banco Central pagar os credores. O FMI está mais preocupado em salvar os bancos e não os países", diz o economista do PT Guido Mantega.

Segundo ele, "todos os países que recentemente foram ajudados pelo FMI só tiveram o agravamento da crise, como Coréia do Sul, Indonésia, Rússia e Filipinas. As taxas de juros foram elevadas, fizeram ajuste fiscal com aumento de impostos e corte de gastos. Essas economias entraram em recessão, com problemas graves de crescimento e piora do quadro social."

O candidato a presidente pelo

PPS, Ciro Gomes, também criticou o possível acordo. "O FMI é o beijo da morte", disse. "O Fundo não é uma casa de caridade. Ele não está disposto a dar dinheiro para sancionar a farra fiscal de [Fernando Henrique] Cardoso nem seus gastos com propaganda e clientelismo eleitoral." Ciro acha que o discurso de Bill Clinton em defesa dos países latino-americanos e o anúncio das negociações com o FMI não passam de retórica. "Eles vão empurrar com a barriga até depois das eleições."

A afirmação do ministro da Fazenda, Pedro Malan, de que o acordo seria em bases diferentes das exigidas pelo FMI para dar seu aval foi contestada por Ciro. "Ele mentiu. Não há como fazer diferente. E a elite brasi-

leira pirou de vez, comemorando o fato de que o Brasil está de joelhos diante dos agiotas internacionais."

Bandeira – A criação de uma reserva dos países industrializados e do FMI para socorrer a América Latina poderá, segundo Carlos Pacheco, coordenador do programa de governo de Fernando Henrique Cardoso, transformar-se na concretização da maior bandeira do presidente em sua política externa: a instituição de mecanismos permanentes de salvaguarda contra a volatilidade de capitais.

"Isto pode ser o embrião de uma idéia que está sendo defendida por Fernando Henrique desde que tomou posse", disse. Pacheco lembrou que Fernando Henrique defendeu uma reserva permanente para combater a

instabilidade internacional em diversas ocasiões, sem encontrar respaldo internacional significativo. "Com o abalo das economias asiáticas emergentes, seguido das crises do Japão e da Rússia, essa percepção está mudando e a compreensão da necessidade desta reserva é maior", disse.

Caso seja reeleito, Fernando Henrique assumiria, segundo ele, a função de interlocutor entre a América Latina e os formadores do fundo. Outro possível interlocutor, o presidente da Argentina Carlos Menem, estará em fim de mandato. "Atualmente, a diplomacia brasileira já tem um peso muito maior no cenário internacional do que a presença brasileira na economia mundial, e isto pode se acentuar."